
Zita, Pioneira do Radiojornalismo Brasileiro.¹

José Eduardo Ribeiro de Paiva²
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

Resumo

Zita de Andrade Lima foi pesquisadora e professora de grande importância para o radiojornalismo brasileiro. “Princípios e Técnicas de Rádio Jornalismo”, publicado em 1970 a partir de sua dissertação de mestrado realizada na UNB em 1967, é até hoje uma das fundamentais bibliografias para a produção e o ensino de rádio brasileiro. A figura de Zita levanta muitas discussões sobre o rádio construído no Brasil a partir dos anos 60, bem como outras questões referente ao campo do trabalho, a produção radiofônica e o ensino. Este trabalho tem como foco principal discutir o pioneirismo de Zita e sua importância no contexto do período, das questões tecnológicas da transistorização às novas linguagens dos anos 60.

Palavras-chave: radiojornalismo, rádio portátil, ensino de rádio, locução.

Todas as definições da língua portuguesa para pioneiro apontam para aquele que abre ou descobre caminhos por uma região mal conhecida. A área de comunicação no Brasil se consolidou em grande parte devido justamente aos trabalhos destes pioneiros, entre os quais se encontra Maria José Antunes de Andrade Lima, mais conhecida como Zita de Andrade Lima. Zita, entre outros diversos trabalhos, é autora de “Princípios e Técnica de Radio Jornalismo”, o primeiro livro sobre radiojornalismo escrito no Brasil (LUCHT, 2009:12) e teve a maior parte de sua atuação profissional entre os anos sessenta e setenta, época de grande turbulência para o Brasil e para sua área específica de atuação, o rádio.

Quando do surgimento da televisão, muitos apontaram a morte certa do rádio, que seria superado pelo meio capaz de transmitir simultaneamente imagem e som sincronizados, tanto a partir de gravações quanto de material gerado ao vivo. Primeiro no exterior, e entre os anos cinquenta e sessenta no Brasil, este discurso levou o rádio

^{1 1} Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação,

² José Eduardo Ribeiro de Paiva (Eduardo Paiva) é Doutor em Multimeios e professor do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação da universidade Estadual de Campinas, atuando na área de produção sonora e arte tecnologia. Mail: paiva@unicamp.br

à uma fase de declínio, onde as emissoras acabaram muitas vezes por se limitar a reprodução musical, que ficou conhecida na história do rádio como fase “vitrolão” (ZUCULOTO, 2004:34). Porém, alguns avanços tecnológicos, entre os quais o transistor, que propiciou portabilidade e mobilidade aos receptores radiofônicos e a toda uma série de equipamentos, contribuíram para a renovação do rádio. Os primeiros rádios transistorizados foram fabricados pela empresa Regency em 1954, nos E.U.A., mas não tiveram vida longa, tendo sua produção descontinuada no ano seguinte. Assim, a popularização mundial do rádio portátil transistorizado se deu através dos produtos da Sony lançados a partir do ano seguinte, e o primeiro receptor de bolso foi lançado pela mesma empresa em 1957.

Era o menor do mundo, mas na verdade maior que um bolso padrão de camisa masculina....Achávamos uma boa idéia que nossos vendedores pudessem demonstrar como era simples colocar o radinho no bolso da camisa. Criamos uma solução muito simples – mandamos fazer para nossos vendedores uma camisa com bolsos um pouco maiores do que o normal para acomodar o radinho (MORITA, 1986:80).

Isto trouxe a questão da mobilidade da escuta, e a conseqüente pessoalidade aí embutida. O rádio deixa de ser o centro de uma escuta ritualística, com um grupo de pessoas reunidas em volta de um aparelho em um tempo e espaço precisos, tornando-se o companheiro do dia a dia das pessoas nas suas tarefas, relegando a escuta da “sala de jantar” a TV. Com isso, as relações entre ouvinte e veículo se alteraram. “A transistorização mudou, assim, a postura do público em relação ao veículo. Sua audiência passou a ser individual, o que exigiu dos comunicadores também um novo olhar, de quem conversa com um sujeito e não mais de quem se insere no seu ambiente familiar, como um agente em um processo já estabelecido” (LOPEZ, 2009:471). Deve-se destacar também que os pequenos aparelhos transistorizados não se saíam bem na reprodução musical, devido principalmente ao reduzido alto falante ou ao precário fone de ouvido monofônico (a estereofonia na mobilidade somente chegaria no início dos anos 80 com o walkman), o que causou no jargão do pessoal de estúdio a expressão “som de radinho” para caracterizar uma gravação tecnicamente insatisfatória e geralmente com excesso de frequências médias. Assim, novamente a relação entre conteúdo e suporte, dominante na mídia sonora do século XX aqui se

manifesta, principalmente para definir formatos que se encaixassem bem tanto nas questões técnicas da reprodução quanto nas questões da escuta individualizada propiciada pelos novos equipamentos transistorizados. Porém, além do rádio portátil como decorrência da utilização do transistor, toda uma série de novos equipamentos ligados à produção sonora se popularizou, principalmente devido a miniaturização e redução dos custos de produção provocados por esta tecnologia, como os gravadores de fita magnética, sistemas de transmissão, microfones, mesas de mixagem e outros.

A transistorização, ao permitir que o rádio pudesse ser alimentado por pilhas, também contribuiu para que a comunicação transpusesse um dos grandes limites da época, que era a baixa eletrificação do país. “como sessenta por cento do país não possuía redes de eletrificação, pode-se imaginar o impulso que esta inovação deu ao rádio...”(FEDERICO, 1982: 86). Assim, o rádio, através das facilidades tecnológicas colocadas à produção sonora, conseguiu transpor sua anunciada morte e renascer através de novos formatos e linguagens, deixando o lado espetacular das novelas e música ao vivo para a TV, que naturalmente ia ocupando estes espaços, muito mais adequados as suas então limitadas possibilidades tecnológicas. Porém, esta mudança não é simplesmente uma adequação de programação ou algo semelhante: ela deveria se concretizar na própria linguagem do veículo, explorando agora sua mobilidade e individualidade, aliadas a crescente qualidade da transmissão e geração de material ao vivo ou em estúdio.

“Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação” (MCLUHAN, 1964:335). Um dos primeiros a perceber as mudanças da comunicação de acordo com os meios utilizados, McLuhan sempre teve o rádio como um dos principais elementos de suas teorias, principalmente na que envolve os conceitos de “meios frios” e “meios quentes”. O mesmo discurso, transmitido pela TV e pelo rádio projeta imagens totalmente diferentes ao espectador, conforme o exemplo citado por ele do debate entre Nixon e Kennedy (MCLUHAN, 1964:334), sendo que quem o assistiu pelo rádio ficou com a idéia da superioridade de Nixon, e para quem o viu pela TV, o contrário.

Mas construir uma nova linguagem não é algo imediato, uma vez que ela envolve toda uma conceituação teórica sobre o veículo no qual será utilizada e toda

uma nova abordagem por parte de quem a produz em relação ao meio. Uma estreita relação que até o final dos anos 50 não havia sido explorada no Brasil de forma clara, mesmo porque os primeiros cursos superiores de rádio surgiram nos anos 60. Segundo Marques de Melo, “...o primeiro curso de Rádio-TV foi criado pela Escola de Comunicação e Artes (ECA), da USP, em 1966, e começou a funcionar em 1967”, sendo que os cursos de jornalismo haviam sido autorizados em 1943, com o primeiro implantado na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro (MOURA, 2002).

Um elemento importante a ser observado nesta questão de como solidificar uma nova linguagem é a questão do método, do material escrito sobre o assunto que possa ser utilizado como referencia fundamental. Os primeiros textos referentes a rádio no Brasil tratam das questões do ensino pelo rádio, e não do ensino para rádio, do ensino de como produzir para o veículo e discutir seu potencial e limitações. No levantamento de textos produzido em 2014 (PRATA; N et al) encontra-se Rádio e Educação de Ariosto Espinheira, 1934; Educação Fundamental pelo Rádio, de João Ribas da Costa, 1956; Rádio Nacional – 20 anos de liderança a serviço do Brasil, de Heron Domingues, 1956; Fundamentos jurídico-sociais da radiodifusão, de Saint Clair da Cunha Lopes, 1957 e Cor, profissão e mobilidade – o negro e o rádio em São Paulo, de João Baptista Borges Pereira, 1967. São textos que tratam de questões educacionais, jurídicas e históricas, mas nada sobre como fazer rádio, em especial o radiojornalismo, que se firmava então como uma das principais atividades da época. O primeiro livro sobre este tema foi o de Zita de Andrade Lima, intitulado “Princípios e Técnica de Radiojornalismo”, lançado em 1970, desenvolvido a partir de sua dissertação de mestrado³ realizada na Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília em 1967, que tinha como título “Aspectos e Condições de um novo Radio jornalismo”⁴. Com certeza, este livro foi o primeiro método sobre as questões da produção de radiojornalismo criado no Brasil, e que é até hoje referencia sobre o

³ Provavelmente umas das primeiras, ou a primeira dissertação sobre radiojornalismo escrita no Brasil, mas este dado necessita de confirmação.

⁴ O livro foi lançado pelo Instituto de Ciências da Comunicação (INCIFORM), fundado por Luiz Beltrão em 1964 vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco sendo que posteriormente foi criada a Seção Brasília, em 1965. Este Instituto também editava a Revista Comunicação & Problemas, onde este livro foi publicado como Vol. V – No1 (INCIFORM) ano VI – No. 13, a qual também publicou a maioria dos textos de Zita.

assunto. A formação da autora que unia a prática da produção radiofônica à reflexão acadêmica lhe permitiu uma visão diferenciada e detalhada sobre o assunto. Formada pela Universidade Católica de Pernambuco (bacharel em jornalismo, primeira turma), ela atuou profissionalmente como produtora da rádio Olinda de Recife, como diretora do departamento de Notícias da Rádio Universidade Federal de Pernambuco, produtora da Rádio Educadora MEC e posteriormente como professora de radiojornalismo no Centro de Estudos Universitários de Brasília. A presença feminina no jornalismo da época ainda era bastante reduzida, conforme colocado pelos dados do INCIFORM que

mostram, nos primeiros anos, o ingresso feminino no curso, bem como o número de mulheres graduadas no mercado de trabalho. Das quatro concluintes do ano de 1963, duas ingressaram no mercado de trabalho, destacando-se Maria José de Andrade Lima (Zita), produtora de programas informativos da Rádio Universitária do Recife e da Rádio Olinda (MORAIS, 2007:14).

Isto coloca também as questões do mercado de trabalho e a pouca presença feminina, sendo que segundo Marques de Melo “...a reserva do mercado de trabalho jornalístico para os diplomados da área beneficiou enormemente a ascensão social da mulher” (MORAIS, 2007:15). Mesmo assim, na década de sessenta os registros do D.R.T apontavam que 89% dos inscritos eram do sexo masculino (MORAIS, 2007:15), demonstrando a dificuldade do mundo do trabalho em absorver na época as profissionais do sexo feminino, muitas vezes relegadas a funções de colaboradores sem vínculo direto com as empresas de comunicação.

Examinando pela perspectiva do ensino de rádio, Zita foi uma grande pioneira na medida em que colocou uma sólida discussão sobre o radiojornalismo, para o qual este livro teve fundamental importância, principalmente na classificação dos gêneros radiojornalísticos, conforme LUCHT (2009:12).

O livro, que pretende ser um manual para a realização radiofônica, aborda os princípios da radiodifusão, os fundamentos do jornalismo oral, a linguagem e o estilo radiofônico, código de sinais de comunicação entre operadores técnicos e apresentadores, mas fundamentalmente, explora a classificação dos gêneros radiojornalísticos vigentes até aquele momento e que, até hoje, não foi superado por nenhum outro pesquisador.

Seus oito capítulos tratam sobre temas que vão desde conceitos técnicos básicos, como os princípios da radiodifusão até a construção da linguagem radiofônica, e sua especificidade frente a outras linguagens produzidas para meios de reprodução massiva, com um claro enfoque no notícia. O capítulo três, dedicado a Linguagem e Estilo radiofônico, é particularmente primoroso ao colocar de forma inequívoca a questão simbólica do som frente a da imagem, e de como a palavra deve ser tratada neste ambiente, assim como os efeitos sonoros e a música, sugerindo procedimentos que até hoje são utilizados. Ao colocar a linguagem radiofônica como uma complexa montagem sonora de três elementos: a palavra, os efeitos e a música, percebe-se neste texto a importância de outros profissionais envolvidos no processo, como a figura do engenheiro de som, diga-se de passagem, até hoje um profissional que não possui formação específica no nosso país.

Outra característica importante é a sua constante preocupação com a palavra, desde as questões técnicas até as questões expressivas. Dá ênfase especial as técnicas de posicionamento do locutor frente ao microfone em busca da clareza da emissão do texto e a importância expressiva da voz, tema que ela ainda irá explorar no texto “A Palavra Falada”, apresentado no I Seminário de Estudos de Comunicação Social em Fortaleza, maio de 1975. Esta preocupação com a precisão técnica da fala sempre foi uma constante em seus textos, sendo a voz o “natural e principal instrumento de trabalho do agente da radio-informação....poucos são os jornalistas de rádio brasileiros que dominam o microfone”(LIMA, 1970:55). Para ela, com o surgimento do gravador portátil de fita magnética, a distinção entre o radiojornalista e o rádio locutor desapareceria, dando lugar ao agente da rádio informação, que teria a voz como seu principal instrumento de trabalho. Pode-se pensar que tal colocação encerra em si uma boa dose de determinismo tecnológico, mas não há como negar que equipamentos como o gravador de fita magnética portátil influenciaram fortemente tanto a linguagem do rádio quanto do cinema, onde o Nagra III⁵ se tornou equipamento obrigatório de diretores como Truffaut, Goddard e Pennebaker. Nada mais natural que o uso destes gravadores portáteis dessem uma agilidade até então

⁵ Marca de um dos mais famosos gravadores de fita magnética já construídos e o primeiro a permitir o sincronismo com as câmeras de filmagem em película, permitindo a popularização do som direto e os documentários musicais.

desconhecida ao rádio, fazendo com que ele se tornasse um veículo ágil e presente, com aquele “novo olhar” que fez o meio se reinventar nos anos 60.

A construção da “radionotícia”, a possibilidade da transmissão ao vivo de um acontecimento,

....continuará a ter a primazia na imediatividade da notícia porque o seu processo de realização é o mais simples, nem sequer exigindo que se redija o texto, uma vez que o radiojornalista, realmente senhor dos métodos e técnicas de seu ofício prescinde da escrita para dizer ao microfone, com precisão e fidelidade, o conteúdo da mensagem de que teve conhecimento momentos antes, pelo telefone, por telegrama ou telex ou por captação direta (LIMA,1970:73).

A possibilidade de ser produzida ao vivo, sem texto escrito e muito mais ligada a capacidade de improvisação do radiojornalista e a busca por uma espontaneidade da fala era para a autora uma das principais, senão a principal característica da “radionotícia”, e portanto um dos temas que percorre o texto insistentemente. Algo que provavelmente ela já havia explorado como produtora, onde diziam seus ouvintes sobre “30 minutos na vida de uma mulher”, programa diário produzido e apresentado na Rádio Olinda, de Recife: “Quando a gente liga a rádio na hora de seu programa, parece que abre a porta da casa pra senhora entrar”⁶.

“Princípios e Técnica do Radiojornalismo” até hoje continua a ser base para grande parte dos trabalhos acadêmicos publicados sobre rádio no Brasil, conforme consultas a diversas bases de dados sobre publicações na área da comunicação demonstram. Não apenas por ser a primeira publicação, mas pela sua qualidade que aponta discussões até hoje pertinentes, apesar de toda a série de mudanças tecnológicas ocorridas desde sua publicação, mudanças estas que serviram para consolidar cada vez mais as propostas de linguagem colocadas por ela em seu texto.

É justamente neste livro que se encontra o grande pioneirismo de Zita. Apesar de ser uma das primeiras mulheres a trabalhar formalmente em rádio, sua maior contribuição a comunicação brasileira é justamente este texto, que sobreviveu ao tempo e que até hoje é objeto de estudo, servindo de base para todo um pensamento sobre rádio jornalismo que se criou a partir de então. E mais do que isto, por ser também professora e pesquisadora extremamente ligada em todos os aspectos que o

⁶ Informação constante na contracapa do livro “Princípios e técnica do radiojornalismo”.

tempo oferecia ao seu tema de trabalho, desde as questões puramente estéticas até questões de ordem técnica fundamentais para que se compreenda o veículo de forma efetiva. Enfim, alguém que se coloca plenamente dentro da definição de pioneiro mencionada no início do texto, daquele que desbrava caminhos em áreas mal conhecidas.

REFERENCIAS

BONAVITA FEDERICO, Maria Elvira. **História da Comunicação – Rádio e TV no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.

LIMA, Zita de Andrade. **Princípios e técnica de radiojornalismo.**, *Comunicações & Problemas*, Brasília, v.5, n.1, 1970.

LOPEZ, D. C. , **Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica**. In KLOCKNER, L. e PRATA, N. (Orgs). *História da Mídia Sonora Experiências, Memórias e Afestos de Norte a Sul do Brasil*. Porto Alegre, EdiPUCRS, 2009. P. 466-481.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Os Gêneros Jornalísticos no Rádio**. In *Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, 2009.

MCLUHAN, Marsall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**. São Paulo, Cultrix, 1964.

MORAIS, Maria Luiz Nóbrega de. **Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação profissional**. In *Anais do V Congresso de História da Mídia*, São Paulo, 2007.

MOURA, Cláudia Peixoto de. **O Curso de comunicação social no Brasil: do currículo mínimo às novas diretrizes curriculares**. Porto Alegre: EDICPURS, 2002.

MORITA, Akio. **Made in Japan**, Circulo do Livro, São Paulo, 1986.

PRATA, N et al. **Cursos de Graduação em Radialismo no Brasil: trajetória e cenário**. In *Revista Brasileira de História da Mídia*, v.3, n.2 p.133-151.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **As transformações da notícia de rádio na fase pós-televisão**. In *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Vol.1 no1. p. 34-45.